

RELAÇÕES RACIAIS ENTRE CRIANÇAS NA CIDADE DE SÃO PAULO: AS PESQUISAS DO PROJETO UNESCO

CRUZ, Ana Cristina Juvenal – UFSCar

Agência Financiadora: CNPq

Resumo

Este texto apresenta e discute a incursão teórica das pesquisas sobre criança e infância realizadas sob os auspícios do Projeto UNESCO sobre as relações raciais desenvolvido na cidade de São Paulo. Isto é feito a partir de alguns documentos recolhidos do Fundo Florestan Fernandes que somados a uma metodologia genealógica estabelecem uma cartografia da pesquisa sociológica e histórica sobre as crianças e suas infâncias. A partir da questão central a respeito dos aspectos que marcam a peculiaridade das relações raciais brasileiras na década de 1950, encontra-se delineado um dos documentos que compuseram a pesquisa UNESCO denominado de “*Relações entre crianças negras e brancas em parques infantis da capital*”. Este documento deriva de um estudo de campo sobre as condições das crianças negras nos parques infantis da capital paulista. A proposta aqui delineada restringe-se a análise desse processo buscando restabelecer tais investigações a uma gênese dos estudos sobre criança, infância que, desde logo, integre a ótica das relações étnico-raciais.

Palavras-Chave: Relações étnico-raciais, Projeto UNESCO, infância, criança.

RELAÇÕES RACIAIS ENTRE CRIANÇAS NA CIDADE DE SÃO PAULO: AS PESQUISAS DO PROJETO UNESCO

A pesquisa sobre relações raciais no projeto UNESCO

Este texto apresenta dados de uma investigação¹ que objetiva cartografar as pesquisas acerca das relações sociais entre crianças realizadas no programa da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO)

¹ Pesquisa de pós-doutoramento com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil (CNPq).

aplicado no Brasil e conhecido por “*Projeto UNESCO sobre relações raciais*”. Tal programa realizou-se em parceria com a *Revista Anhembi* do Estado de São Paulo entre 1950 e 1953. Aqui colocamos como objeto de análise o processo e as descrições dos trabalhos de campo realizados com crianças a propósito de delinear os aspectos conceituais e metodológicos aplicados a fim de colocar o projeto subvencionado pela UNESCO como objeto de análise. A UNESCO alçou ações desde a sua formação com o intento de consolidar-se como um fórum de debates no interior do Sistema das Nações Unidas. Os princípios de atuação da UNESCO e das demais agências especializadas das Nações Unidas referiram-se desde a sua composição ao fortalecimento do Estado-nação como uma coesão política. Esse entendimento do Estado-nação como uma entidade interconectada a outras é herdeira de uma edificação política cujas bases filosóficas se encontram na temporalidade moderna e ocidental aliada a um ideário de “cultura da paz” (UNESCO, 2000; MAUREL, 2010).

Ainda sob a atmosfera de repercussão por sua constituição em 1950 é lançado um informativo da UNESCO contendo itens e ações que a Organização realizaria naquele ano junto a declaração científica sobre raça que havia sido divulgada (UNESCO, 1959). O texto do informativo exhibe uma pesquisa que seria concretizada no Brasil, relatada como nação que a despeito de ter recebido grupos com pertencimentos étnico-raciais distintos, aparentemente não apresentava o preconceito racial como um elemento presente no campo social em comparação com outras nações com análoga composição populacional (UNESCO, 1950). Uma ampla pesquisa sobre o impacto das questões raciais na sociabilidade brasileira teria o objetivo de proporcionar em âmbito global no domínio das ciências sociais, dados a respeito das condições que induzem a uma “situação desfavorável” e que poderiam auxiliar na construção de “relações inter-raciais mais pacíficas e felizes” (UNESCO, 1950, p. 4).

A preferência pelo Brasil ocorreu por resultado de uma construção discursiva que produzia o país como região que havia conseguido equacionar os conflitos raciais. Roger Bastide argumentava que o Brasil poderia apresentar “au monde le modèle d'une démocratie raciale; mais, pour la comprendre, il faut en chercher les racines dans l'histoire du passé esclavagiste” (BASTIDE, 1957, p. 525). Junto a essa leitura Arthur Ramos alegava que na experiência brasileira estaria “a solução mais científica e mais humana para o problema, tão agudo entre outros povos, da mistura de raças e de culturas” (RAMOS, 1943 *apud* MAIO, 1997). A sugestão de concretizar uma

investigação dessa natureza configurou-se em um “programa de difusão de fatos científicos destinados a fazer desaparecer o que se convencionou chamar de preconceito de raça” (PINTO *apud* MAIO, 2007).

A pesquisa realizada em várias regiões brasileiras tornou-se conhecida como “*Projeto UNESCO sobre relações raciais*”. Em São Paulo, as investigações foram realizadas em parceria com a *Revista Anhembi* entre 1950 e 1953, a UNESCO participou do projeto por meio de Alfred Métraux que a época atuava como coordenador do Departamento de Relações Raciais da UNESCO e fez uma visita ao Brasil o que favoreceu a realização da pesquisa.

A *Revista Anhembi* arquitetada e editada por Paulo Duarte demonstrou interesse em “patrocinar um inquérito em profundidade sobre o problema do negro em S. Paulo” (DUARTE, 1955, p. 7, *sic*) especialmente a partir de um artigo por ele publicado no jornal “O Estado de São Paulo” em 1947. Paulo Duarte em uma crítica aos efeitos do Estado Novo, resenha no referido artigo o que denomina de “problema do negro” (*Op. cit.*, p. 5). Tal problema se constituía em parte pela então falta de acesso à educação primária e, igualmente, pela exposição a “endemias patológicas ou sociais” derivadas dos “recalques da escravidão” (*Op. cit.*, p. 6). O Projeto UNESCO acabou por instituir um campo de estudos sobre as relações raciais no Brasil compondo um inventário de dados com a finalidade de analisar e compreender “a realidade racial brasileira” (FERNANDES, 1955, p. 21).

Aspectos metodológicos da pesquisa UNESCO e sua contribuição para as pesquisas brasileiras sobre criança e infância

Florestan Fernandes e Roger Bastide ao exporem a estrutura da etapa paulista do Projeto UNESCO, delinearam os trajetos a serem percorridos e apontaram o objetivo da pesquisa em descortinar a “natureza e a função do preconceito racial” (BASTIDE; FERNANDES, [1955] 2008 p. 267). Neste texto denominado “*O preconceito racial em São Paulo (projeto de estudo)*” (BASTIDE; FERNANDES, 2008)² são exibidos os

² Este texto foi publicado na edição número 118 do Instituto de Administração da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da Universidade de São Paulo em 1951. Além desta primeira versão há outra publicada no livro “*Pesquisa social: projeto e planejamento*” organizado por Seidi Hirano em 1979, bem como a reedição em 2008.

aspectos metodológicos que seriam empregados na pesquisa bem como a finalidade do projeto de ser “informativo, descritivo e interpretativo” e ainda “servir-se de seus resultados na reeducação social dos adultos e em sua política básica de aproximação das raças” (BASTIDE; FERNANDES, 2008. p. 267).

Guerreiro Ramos é um dos pensadores que estabelece uma crítica aos trabalhos realizados no âmbito do Projeto UNESCO. Em 1954 afirmou que os pressupostos que orientavam as pesquisas partiam de um olhar exógeno constituindo o negro à estereotipia, e questiona:

Que é que, no domínio de nossas ciências sociais, faz do negro um problema ou um assunto? [...] Isto acontece desde os estudos de Nina Rodrigues até Arthur Ramos, e os atuais estudos sobre relações de raça, patrocinados pela UNESCO (RAMOS, 1954 *apud*, BARBOSA, 2006, p. 265).

Guerreiro Ramos advogava que uma pesquisa que tratasse das questões que acometiam a condição da população negra deveria conter sua participação direta dos negros e das associações políticas negras nas pesquisas que procuravam compreender a condição dos negros. As experiências levadas a cabo no Projeto UNESCO de alguma forma estabeleceram tal proposta uma vez que intelectuais e militantes do movimento negro participaram ativamente da pesquisa da UNESCO.

Na publicação dos dados da pesquisa concretizada em São Paulo, Bastide inicia o livro “*Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo*” (1955) delineando a estrutura do projeto e indicando que os dados foram obtidos por meio de temáticas sugeridas por comissões específicas. Bastide explana a Alfred Métraux o intento de estabelecer uma cooperação entre negros e brancos na realização das investigações. Com esse intento foram elaboradas comissões específicas com para debater os temas e os objetos que mereciam atenção. Compostas por líderes e pertencentes a associações do “meio negro”, estudantes e pesquisadores do Projeto UNESCO formaram-se três comissões. A “Comissão para o estudo das relações raciais entre brancos e pretos” tratou dos temas que deveriam ser investigados; a segunda “Comissão especial de alguns intelectuais de côr” ocupou-se dos debates de pensadores e pensadoras negras e,

por fim, a terceira “Comissão do Estudo da Mulher Negra em S. Paulo” tratou-se das especificidades das crianças e das mulheres negras, para a organização desta comissão de mulheres negras havia uma “Comissão das Senhoras de Côr” (BASTIDE, 1955).

Ao longo da realização dessas comissões percebeu-se que os dados não seriam obtidos devido à dificuldade de mensurar as falas de todos os participantes. Florestan sugeriu a opção por procedimentos de pesquisa de campo como observação participante e análise de situações grupais, a fim de captar por meio das falas “o aprofundamento perceptivo e cognitivo do negro sobre sua condição humana” (FERNANDES, *apud*, MAIO, 1997, P. 126). Inovadora no que se refere a escolha metodológica, o uso de técnicas de “observação participante em situação grupal” foram pioneiras em uma investigação desta natureza (BASTIDE, 1955, p. 260).

Antonio Candido afirma que a pesquisa UNESCO em São Paulo “se fez com extraordinária mobilização dos grupos negros, que graças a ela tiveram a rara oportunidade de manifestar os seus problemas e a sua angustiosa situação” (CANDIDO, *apud*, MAIO, 1997, p. 125). Florestan Fernandes sobre este aspecto relata: “como criança *lumpen*, vivi em porões e cortiços de vários bairros [...] os negros eram companheiros de privações e misérias” (FERNANDES, *apud* MAIO, 1997, p. 125). Na abertura da Comissão de Pesquisa em sua Primeira Mesa Redonda em 1951, após a apresentação de Roger Bastide, Florestan descreve a proposição metodológica da pesquisa:

Tendo em vista a possibilidade de contar com uma comunidade negra, que possui elementos de grande envergadura intelectual, nós pensamos que podíamos transformar a pesquisa no sentido de aproveitarmos a contribuição que os próprios pesquisados poderiam nos trazer. Essa pesquisa que aproveita a experiência do pesquisado foi chamada tecnicamente com o nome de “Método de Observação em Massa”. [...] Nós queríamos lançar um apelo aos senhores no sentido de verem quais as pessoas que poderiam se interessar, entre os senhores e seus amigos, para colaborar conosco, alguma coisa diferente do que se faz nos laboratórios, com a química: o aparelho é inerte e não reage à pesquisa. E como não dispomos de sociólogos, antropólogos, como acontece nos Estados Unidos, queremos lançar

mão da boa vontade dos senhores. (PRIMEIRA MESA REDONDA, 1951, p. 4 e 6).

É neste contexto em que se desenvolvem as pesquisas em torno das problemáticas advindas das experiências da população negra com as discriminações e preconceitos raciais. Tal apreensão corrobora a afirmação de que o Projeto UNESCO fomentou não apenas uma atmosfera de produção teórica e metodológica sobre as relações étnicas e raciais brasileiras, mas constituiu-se em um empreendimento político que atribuiu à ciência uma funcionalidade para a compreensão das condições nas quais os sujeitos identificados como negros ou brancos, especialmente as crianças, estabeleçam suas relações sociais.

As relações raciais entre crianças nos parques infantis e nas escolas da capital paulista

No texto “*Mario de Andrade e o folclore brasileiro*” Florestan Fernandes delinea o folclore como um objeto de estudo específico e alega que “falta em nossa bibliografia do folclore uma análise por assim dizer panorâmica, situando pelo menos as questões capitais na contribuição de Mario de Andrade” (FLORESTAN, 1946). No referido texto Florestan estabelece uma fusão entre de um lado, a qualificação da obra de Mario de Andrade no panteão dos grandes folcloristas brasileiros, e por outro lado, o autor procura definir o Folclore como um objeto específico de análise do campo social. Em outras palavras, Florestan ao debruçar-se sobre o folclore como um meio que possibilita compreender os modos pelos quais ocorrem os processos de socialização em um dado contexto social o circunscrevia como uma linha da literatura e, sobretudo da cultura brasileira sendo, portanto um recurso fecundo para a compreensão das relações sociais na sociedade brasileira. A partir dessa perspectiva a articulação entre o folclore e as influências da cultura negra tornou-se um objeto de estudo de Florestan cujos resultados foram publicados em artigos no jornal O Estado de São Paulo³. Nestes artigos Florestan investiga nas variadas representações sobre o negro no folclore, indícios de que tal atividade fomentava o preconceito de cor no espaço paulista da época.

³ “*Representações coletivas sobre o negro. O negro na tradição oral*” série de três artigos publicada por Florestan Fernandes no jornal O Estado de São Paulo em 1943.

Florestan aponta para o papel socializador do folclore tanto nos conteúdos dos folguedos, que iniciam a criança nos padrões tradicionais de uma cultura, quanto na organização interna e entre os grupos, isto é, nas relações sociais infantis, que ensinam solidariedade e disciplina aos imaturos (GARCIA, 2001, 147).

A retomada do empreendimento metodológico de Florestan sobre o folclore incide sobre a analítica proposta neste texto a respeito do estabelecimento das relações raciais entre crianças nos parques infantis da cidade de São Paulo, na década de 1950. Os parques infantis idealizados por Mario de Andrade constituíram-se em espaços destinados a vivência, formação educacional e socialização das crianças.

Nas investigações sobre as relações raciais entre as crianças que integram a Pesquisa UNESCO realizada em São Paulo, destaca-se o documento elaborado por Francisco Lucrécio em parceria com Renato Jardim Moreira que auxiliou no estudo de caso “*Situação das crianças ‘negras’ e brancas nos parques infantis*”. Maria Isaura Pereira de Queiroz (1996) descreve o trabalho realizado com Renato Jardim Moreira estudantes à época da pesquisa e descreve a indicação de que ambos utilizassem o método das histórias de vida como um procedimento na pesquisa sociológica⁴.

Os estudos de caso consistiram em uma das técnicas de coletas de dados adotados na experiência paulista do Projeto UNESCO⁵. Florestan descreve que por indicação de Roger Bastide deu-se maior ênfase nos procedimentos de “pesquisa de campo e à contribuição da psicologia social” (FERNANDES, 2008, p. 17).

Roger Bastide aludiu à mediação de Francisco Lucrécio afirmando que “fez uma comunicação especial, de muita importância, sobre a situação dos imaturos de cor em face das manifestações do preconceito de cor” (BASTIDE, 1955, p. 14, *sic*). Deste estudo de caso a respeito das relações raciais entre as crianças o documento “*Relações entre crianças Brancas e Negras em Parques Infantis da Capital*” trata do depoimento de Francisco Lucrécio⁶. Este documento aparece junto a outros escritos e análises de

⁴ A respeito desta pesquisa Maria Isaura relata que a mesma não foi publicada pela UNESCO por ultrapassar o limite de 100 páginas previsto (QUEIROZ, 1996).

⁵ Entre outras técnicas descritas destacam-se: método ecológico de análise de alguns bairros, aplicação de questionários e técnicas das entrevistas.

⁶ Além deste depoimento a respeito das relações entre crianças negras e brancas nos parques infantis, Lucrécio concede um depoimento para Renato Jardim Moreira para que este realizasse a técnica de história de vida. Entretanto Moreira opta por não utilizar o material recolhido: “O relatório que se segue não apresenta, de fato, uma história de vida, por não me ter sido possível colher dados completos, em

estudantes e pesquisadores do Projeto UNESCO arquivados no Fundo Florestan Fernandes localizado na Biblioteca Comunitária da Universidade Federal de São Carlos. Os outros documentos encontrados mesclam depoimentos e análises sobre as formas de organização das associações negras e de alguns dos jornais da imprensa negra paulista e de casos específicos sobre manifestações de preconceito racial.

Logo de início percebe-se que as descrições de Francisco Lucrécio não se resumem a um depoimento baseado em um trabalho de campo, mas constituem uma análise acerca dos espaços destinados à educação das crianças pequenas que, imediatamente, parte das condições dadas às crianças negras e brancas.

Observando o comportamento das professoras responsáveis pela educação, higiene e recreação das crianças que frequentam esses parques notei não existir igualdade de tratamento para as crianças brancas e as negras (LUCRÉCIO, s/d, p. 194, *sic*)⁷.

Ao longo do depoimento Lucrecio descreveu e analisou seu campo: os parques infantis da capital paulista localizados em diversos bairros, como Casa Verde, Vila Romana, Pedro II, Santo Amaro, Barra funda entre outros. Lucrecio teceu sua análise junto à narrativa de episódios onde identificou as posturas das professoras que muitas das quais se caracterizavam, segundo ele em “manifestação pura de preconceito de cor” (LUCRÉCIO, s/d, p. 194, *sic*). Em um dos casos relatados Francisco Lucrecio apontou a atitude de uma professora e de uma diretora no Parque da Casa Verde diante de um aluno negro acusado de ter quebrado o vidro de uma janela. A professora “envez de averiguar o fato” (LUCRÉCIO, s/d, p. 194, *sic*) repreendeu o menino que em retaliação desferiu uma agressão à professora e, portanto foi encaminhado à diretoria. Por intervenção de Lucrécio que afirmou que “a atitude tomada por ela contra o menino não passava de uma manifestação pura de preconceito de côr” (LUCRÉCIO, s/d, p. 194, *sic*), o menino não foi expulso, mas suspenso por alguns dias. Posteriormente constatou-se que outro aluno havia quebrado o vidro, assim Lucrécio constatou:

Em vez de procurar, através do conhecimento da psicologia, amenizar o ambiente tão angustioso desse pretinho, ainda procurou agrava-lo,

razão do informante negar-se, desconversando, a referir-se a fatos concretos que pudessem lançar-me em uma boa pista (MOREIRA, 1953, p. 28 *apud*, Campos, 2014, p. 104).

⁷ A citação e a paginação dos documentos preserva a do PDF onde se encontra na organização do Fundo Florestan Fernandes que mantém o princípio da proveniência como um modo de manutenção dos documentos de acordo com a maneira originalmente deixada por quem os instituiu (COSCIA, 2011).

investindo contra o menor. Fazem essas cousas e depois é o negro que é o arruaceiro, indisciplinado (LUCRÉCIO, s/d, p. 194, *sic*).

Em outro caso, Lucrécio descreveu uma interação com uma menina negra que havia sido impedida de sentar-se junto às outras crianças no momento do lanche. Questionada sobre a impossibilidade de sentar-se ao lado das colegas a menina respondeu que seu isolamento tinha sido ordenado pela professora com a justificativa de que estava com piolhos. Diante de tal fato, Lucrécio procedeu a uma vistoria nos cabelos da menina com o auxílio de uma “seladora”⁸ para verificar se havia mesmo a moléstia. Ao não identificarem vestígios da enfermidade, Lucrécio dirigiu-se à professora e a questionou advertindo sua postura como “improcedência de sua atitude, em vista de ter verificado que a menina se apresentava asseada” (LUCRÉCIO, s/d, p. 194, *sic*). Ao constatar a indiferença da professora quanto ao ocorrido, relatou-o a diretora que ordenou o retorno da menina ao convívio com as outras crianças no momento do lanche. Porém, o autor evidenciou que “após uma semana de isolamento, esta menina sentiu-se diminuída diante das suas companheiras” (LUCRÉCIO, s/d, p. 194, *sic*).

Lucrécio avaliou que este caso poderia ter sido interpretado como “excesso de zelo” com a saúde por proceder ao afastamento da menina negra diante da constatação de uma moléstia. Entretanto, o autor se posicionou contrariamente a essa via uma vez que identifica que em geral o “excesso de zelo que tem sentido negativo”, visto que quando eram dirigidos às crianças negras “é sempre para humilhar” (LUCRÉCIO, s/d, p. 194, *sic*). Ao longo do relato ao ter observado as práticas das professoras, identifica que “em nenhum desses parques verifiquei qualquer criança negra sentada no colo da professora mas, entretanto, as outras crianças eram abraçadas, beijadas, tratadas, mesmo até com carinho maternal” (LUCRÉCIO, s/d, p. 194, *sic*). Em conclusão, Lucrécio relatou a ausência de crianças negras nas festividades escolares de fim de ano dos parques, ao notar tal “falha” se propôs a formar um grupo de balé com suas filhas e sobrinhas para se apresentarem em alguns dos parques analisados. Ao constatar o recebimento positivo do público argumenta que as crianças negras são afastadas pelas

⁸ Lucrécio descreve: “Chamei a menina e mais uma seladora para verificar se, de fato, a menina estava com a cabeça suja. Não encontramos nenhuma espécie de bicho que justificasse o seu isolamento” (LUCRÉCIO, s/d, p. 195).

práticas desenvolvidas nos parques, ou seja, não havia estímulo para as crianças negras da mesma maneira em que havia para as crianças brancas.

Após as descrições dos casos Lucrécio concluiu que “tudo o que eu disse é para provar que o preconceito começa desde os bancos escolares” (LUCRÉCIO, s/d, p. 194, *sic*). Pesquisas contemporâneas sobre as práticas de professoras e professores na educação infantil evidenciaram a existência de um tratamento diferenciado dado às crianças brancas e negras cujos efeitos são nefastos na subjetividade das crianças negras e brancas (CAVALLEIRO, 2007; OLIVEIRA, 2004). As descrições realizadas por Francisco Lucrécio são elucidativas não apenas pelos dados que informam, mas pelas análises empreendidas nas quais o autor se coloca diante dos fatos que observa.

No livro “A Integração do negro na sociedade de classes” Florestan faz alusão à colaboração de Lucrécio:

No caso, lembramos as experiências desagradáveis das 'crianças de cor' no convívio com outras crianças da vizinhança e nas relações com a professora ou colegas 'brancos' na escola. O dr. Francisco Lucrécio elaborou um interessante estudo de caso, a respeito, que infelizmente não podemos aproveitar, e que demonstra que é precoce a deformação da personalidade da 'criança negra' sob diferentes e intensas manifestações do 'preconceito de cor' em seus círculos de convivência com o 'branco' (FERNANDES, 2008, p. 598, n. 62).

A inclinação sobre as implicações das questões étnicas e raciais da sociedade brasileira nas investigações sobre as sociabilidades das crianças compõem uma vertente ainda pouco explorada do Projeto UNESCO. Com o objetivo de identificar “as manifestações do preconceito de cor” foram utilizados outros aportes de modo que havia uma compreensão na qual “a pesquisa sociológica dependa da psicologia que poderá fornecer o tratamento por excelência adequado ao conhecimento positivo do assunto” (BASTIDE; FERNANDES, 2008, p. 265). É, portanto com a finalidade de compor um material de aporte psicológico que Virgínia Leone Bicudo e Aniela Meyer Ginsberg desenvolveram investigações a fim de responder aos pressupostos dados pelas pesquisas já realizadas. As investigações dessas autoras constituíram-se em material subsidiário ao sociológico compondo um trabalho “complementado por outro, psicológico, feito em grupos infantis” (BASTIDE, 1955, p. 15).

Por sua incursão como pesquisadora e docente na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo (ELSP) Virgínia Bicudo é convidada a compor o quadro do Projeto UNESCO sendo a única mulher negra do grupo. Bicudo divulga os resultados da pesquisa com o texto *“Atitudes dos alunos dos grupos escolares em relação com a cor dos seus colegas”* cujo objetivo foi o de avaliar “os sentimentos e os mecanismos de defesa nas atitudes relacionadas com a cor dos colegas” e a influência das relações intrafamiliares no desenvolvimento daquelas atitudes” (BICUDO, 1955, p. 227 *sic*). A autora constituiu um universo de 4.320 alunos de escolas da cidade de São Paulo submetendo-os a um questionário com a finalidade de coletar dados “referentes aos sentimentos, aos estereótipos e às atitudes entre os brancos e os de cor” (BICUDO, 1955, p. 228, *sic*). A pesquisa de Virgínia é citada por Raul Amaral em uma das reuniões das Comissões de pesquisa que definiam os temas que deveriam ser investigados: “A Professora Virgínia L. Bicudo também fez um estudo de relações de pretos e mulatos e chegou à conclusão de que não só existe o preconceito de cor, mas também o preconceito sub racial, do mulato contra o preto e vice versa” (PRIMEIRA MESA REDONDA, 1951, p. 46).

A psicóloga polonesa Aniela Meyer Ginsberg que havia atuado como professora de psicologia social na ELSP é intitulada *“Pesquisas sobre as atitudes de um grupo de escolares de São Paulo em relação com as crianças de cor”* (1955). Ginsberg procurou investigar “a atitude das crianças de idade escolar para com os seus colegas brancos e de cor” a partir de marcadores de “idade, sexo, meio social, e a cor dos examinados” (GINSBERG, 1955, p. 311, *sic*). Ginsberg categoriza os agrupamentos escolares compostos por “crianças pobres operárias e artesãs”, “crianças filhos de operários de nível econômico mais elevado” e, por fim, “crianças de uma escola particular [...] filhos de ricos” (GINSBERG, 1955, p. 315). Além da aplicação dos métodos de pesquisa com 208 alunos, a autora recorreu a entrevistas com crianças de oito episódios nomeados como excepcionais a fim de estruturar os dados. Tais casos marcaram uma influência do “meio social” nas atitudes “amigáveis” ou “menos favoráveis” das crianças com distintos caracteres fenotípicos. Ainda que os dados apontassem certa similaridade nas respostas os dados apontaram que nos momentos de interação nas salas de aula as crianças demonstravam “marcada preferência pelos brancos” (GINSBERG, 1955, p. 311). Na opinião de Bastide, as pesquisas de Bicudo e Meyer faziam parte de uma dada atmosfera que impulsionariam os estudos acerca dessa temática uma vez que ao

analisarem a especificidade da formação social brasileira a produziram como pertencente a uma “sociedade global” (BASTIDE, 1957, p. 527).

Bastide e Fernandes fazem menção à alternativa pelo aporte da sociologia moderna de Durkheim em sua analítica acerca dos fatos sociais. Daí que os autores se inspiraram na formulação durkheimiana acerca das representações “individuais” pertencentes ao domínio da psicologia ao passo que as representações “coletivas” seriam do âmbito da sociologia. A partir dessa analítica é possível compreender a inclinação sugestionada às etapas de mapeamento das pesquisas segundo a qual as manifestações de preconceito racial na investigação sociológica empregassem métodos psicológicos que poderiam prover elementos para captar a conduta de negros e brancos no campo social. Neste sentido, considerar-se-ia incorporar nas pesquisas “tanto a análise da educação na escola, quanto *em casa*⁹, nos grupos de folguedo, nos grupos de trabalho e nas demais situações de convivência humana” para compreender a “a função psíquica delas” (BASTIDE; FLORESTAN, 2008, p. 287).

Ambas as pesquisas de Bicudo e Meyer sobressaem-se por derivarem de uma articulação teórica e metodológica para refletir acerca das relações raciais na infância em contexto escolar de modo pioneiro ao encadear categorias como idade, meio social, cor da pele, sexo e nacionalidade desde um ponto de vista sociológico. Os resultados apontaram as consequências deletérias nas crianças cujas decorrências foram verificáveis nos modos pelos quais constituíam suas sociabilidades. As análises de Bicudo e Ginsberg vinculadas a um experimento teórico que empregou aportes da sociologia e da psicologia social corroboraram a existência no campo social paulistano de um preconceito de cor não totalmente distinto, mas com características específicas do preconceito de classe.

É importante salientar que o pensamento e a preocupação a respeito da condição das crianças negras eram permanentes no interior das associações e entidades do movimento negro. Maria de Lurdes Nascimento idealizadora de diferentes atividades no Teatro Experimental do Negro organizou o Conselho das Mulheres Negras em 1950 que consistia em um departamento dedicado às problemáticas das mulheres negras (ROMÃO, 2003). Neste conselho, dentre outras atividades, havia uma linha jurídica que

⁹ Grifo no original.

obtinha, entre outras atribuições, certidão de nascimento para as crianças. Com participação atuante nessas questões Maria publica no *Jornal O Quilombo*:

Queridas leitoras e amigas volto mais uma vez a falar das nossas crianças.... Essa infância precocemente adulta pela promiscuidade e pela necessidade de trabalhar... é em sua quase totalidade de cor.... O coeficiente de mortalidade infantil no Distrito Federal entre 1939-1941... segundo estatísticas do Departamento Nacional da Criança... morrem quase duas crianças de cor por uma branca. Na cidade de São Paulo a situação é ainda mais grave (*Jornal Quilombo*, 1949, p. 2).

Considerações finais

A julgar pelos documentos e análises referentes ao Projeto UNESCO é possível circunscrever histórica e academicamente o campo da pesquisa sobre as crianças e suas infâncias expondo por outra via subsídios que alarguem a analítica contemporânea sobre este tema. Em outras palavras, é possível compreender essas pesquisas como vestígios sobre a constituição histórica das investigações sobre as crianças e suas infâncias a partir das indagações feitas sobre as relações raciais brasileiras.

As análises empreendidas pelas pesquisas do Projeto UNESCO permitem afastar-se da ótica imperativa das pesquisas sobre as crianças e suas infâncias que produziu uma representação suplantada pela imagem de um aluno cujo pertencimento étnico-racial conservou-se oculto em uma imagem mítica de criança. Os argumentos e análises de Aniela Meyer Ginsberg, Virgínia Bicudo e Francisco Lucrecio são pioneiros quando trazidas a lume na contemporaneidade, pois vinculam as análises sociológicas acerca das relações raciais a uma perspectiva psicológica. Dito de outro modo, os dados e considerações expressas nessas pesquisas trazem em si a aproximação que a psicologia exerceu nas análises sociológicas.

Arthur Ramos quando atuou como recém-diretor do Departamento de Ciências Sociais da UNESCO declarou em uma edição da revista *O Correio da UNESCO* que “l’Unesco, dans son Département des Sciences Sociales, s’emploie à encourager trois des principales sciences sociales ; la Sociologie, les Sciences politiques et la Psychologie sociale” (RAMOS, 1949, p. 28). Tal declaração confere notoriedade a uma gênese de constituição das ciências sociais e o direcionamento das pesquisas da UNESCO, uma vez que a psicologia social era considerada uma linha das ciências

sociais. Nas apreciações de Bicudo e Ginsberg isso aparece não apenas nos métodos empíricos de pesquisa, mas no modo como as crianças que participaram das pesquisas interpretaram e identificaram os colegas pelos caracteres fenotípicos destes.

Tendo em vista a opção metodológica aqui empregada, ao cartografar essas pesquisas em um modo diacrônico e histórico o debate contemporâneo é substancializado, ou seja, o argumento central aqui delineado é de que essas pesquisas nos informam mais sobre a atualidade do tema uma vez que expõem a invisibilidade a qual essas pesquisas foram relegadas. Dito de outro modo, cartografar essas pesquisas permite posicioná-las de maneira a conciliá-las sob uma utilização conceitual diaspórica, dado que o conceito de diáspora integra não apenas as rotas de dispersão, mas os modos de construção de outras configurações temporais o que oportuniza aproximar diferentes acontecimentos (BRAH, 2011, p. 50). Assim é possível, de modo disruptivo, traçar outras rotas e justificar a ausência dessas obras seja nas bibliografias sociológicas ou nos estudos sobre as crianças e suas infâncias. Isto nos possibilita evidenciar que ao serem ocultadas quando se rastreia a epistemologia do campo, situa-se o movimento que coloca determinadas obras e autores em certo ostracismo e o modo pelo qual tais pesquisas informam sobre o panorama histórico contemporâneo.

As pesquisas de Virgínia Bicudo e de Aníela Meyer Ginsberg são alinhadas na cartografia aqui proposta e são junto a outras precursoras por articularem sociologicamente conceitos e pressupostos da ainda incipiente psicanálise no Brasil para analisar as atitudes das crianças utilizando o espaço escolar como amostragem abrangente.

O axioma da criança como sujeito capaz de atuar de maneira própria no campo social e estabelecer formas particulares de socialização adquire uma vertente conceitual com os estudos contemporâneos especialmente a partir da sociologia da infância. Há uma certa consonância de que no campo brasileiro o trabalho de Florestan sobre as “trocinhas” do Bom Retiro é pioneiro por preconizar a socialização das crianças em uma organicidade social. Não obstante, as décadas de 1970 e 1980 são fundamentais para a compreensão do processo histórico da pesquisa sobre as interações e sociabilidades das crianças em suas infâncias. Neste momento tal tema consolidar-se-ia teórica e metodologicamente respaldado pelos pressupostos que rompiam com uma analítica da socialização da criança pela via da escolarização (SIROTA, 2001, p. 11).

A propósito da pesquisa acerca das relações étnico-raciais na infância as pesquisas brasileiras nesta temática sairão de certo interregno a que foram relegadas. Um número relevante de pesquisas, salvo algumas ressalvas¹⁰ ostentaram por um longo período duas representações proeminentes sobre as crianças negras: a escravizada do final do século XIX e, posteriormente, a criança desamparada e carente nas pesquisas brasileiras da década de 1980, processo que ocorreu junto a legislações direcionadas para a institucionalização e controle das crianças. Ao nos debruçarmos sobre essas pesquisas nos dirigimos a retirá-las de um lugar negligenciado uma vez que é possível reconstruir outra genealogia como antítese da ideia de gênese como origem, mas numa perspectiva diaspórica como um movimento contínuo dos modos de pensamento sobre criança, infância e relações étnico-raciais no Brasil.

Referências Bibliográficas

BASTIDE, Roger. Les relations raciales au Brésil. In: *Bulletin international des sciences sociales*: Les noires aux États-Unis d'Amérique. Bulletin trimestriel, Ano IX, N°4, 1957. pp.525-548.

BASTIDE, Roger. & FERNANDES, Florestan. *Relações raciais entre brancos e negros em São Paulo*. São Paulo: Editora Anhembi/UNESCO, 1955.

BASTIDE, Roger. & FERNANDES, Florestan. *Branco e negro em São Paulo: ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana*. São Paulo: Global, 2008.

BARBOSA, Muryatan Santana. Guerreiro Ramos: o personalismo negro. *Tempo social*. São Paulo, v. 18, n. 2, Nov. 2006.

BICUDO, V. L. Atitudes dos alunos dos grupos escolares em relação com a cor dos seus colegas. In: BASTIDE, R. & FERNANDES, F. *Relações raciais entre brancos e negros em São Paulo*. São Paulo: Editora Anhembi/UNESCO, 1955, pp.227-310.

¹⁰ Entre outras pesquisas ver: JOVINO, Ione da Silva. *Crianças negras em imagens do século XIX*. 2010. 131f. Tese (Doutorado em Educação)-Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010.

BRAH, A. *Cartografías de la diáspora: identidades en cuestión*. Trad. Sergio Ojeda. Madrid: Traficantes de Sueños, 2011.

CAMPOS, Antonia Junqueira Malta. *Interfaces entre sociologia e processo social : A Integração do Negro na Sociedade de Classes e a pesquisa Unesco em São Paulo. Dissertação de mestrado em sociologia*. Campinas, SP, 2014.

DUARTE, Paulo. Prefácio. *Relações raciais entre brancos e negros em São Paulo*. São Paulo: Editora Anhembi/UNESCO, 1955.

Cavalleiro, Eliane. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil*. São Paulo: Contexto, 2007.

CÓSCIA, Vera Lucia; FRANCO, Izabel da Mota. Disponibilização do Fundo Florestan Fernandes: a experiência da Biblioteca Comunitária da UFSCar na adequação de uma base de dados. *XXIV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação*, Maceió, 2011.

FERNANDES, FLORESTAN. Mario de Andrade e o folclore brasileiro. In: *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*. Ano 12, vol. 106. São Paulo DHP, jan/fev, 1946.

GARCIA, Sylvia Gemignani. Folclore e sociologia em Florestan Fernandes. *Tempo social*. 2001, vol.13, n.2, pp. 143-167.

GINSBERG, A. M. Pesquisas sôbre as atitudes de um grupo de escolares de São Paulo em relação com as crianças de côr. In: BASTIDE, R. & FERNANDES, F. *Relações raciais entre brancos e negros em São Paulo*. São Paulo: Editora Anhembi/UNESCO, 1955, pp.311-361.

LUCRÉCIO, F.; MOREIRA, R. J. *Relações entre crianças brancas e negras em parques infantis da capital*. Mimeo, [s.d.]. Documento disponível no arquivo PDF 02.04.4527 (Estudos de Caso) do Fundo Florestan Fernandes (BCo/UFSCar), pp. 194-199.

MAIO, Marcos Chor. Modernidade e racismo Costa Pinto e o projeto UNESCO de relações raciais. In: PEREIRA, C. L. E SANSONE, L. (Orgs.) *Projeto UNESCO no Brasil: textos críticos*. Salvador: EDUFBA, 2007. pp. 11-24.

MAIO, Marcos Chor. O Brasil no concerto das nações: a luta contra o racismo nos primórdios da UNESCO. In: História, ciência, Saúde-Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, Outubro. 1997.

MAIO, Marcos Chor. O projeto UNESCO e a agenda das ciências sociais no Brasil nos anos 40 e 50. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol.14 nº 41, Outubro, 1999.

MAUREL, C. Le rêve d'un "gouvernement mondial: des années 1920 aux années 1950. L'exemple de l'Unesco », Histoire@Politique. Politique, culture, société, N°10, janvier-avril 2010.

nascimento, Maria de Lurdes. Infância agonizante. *Jornal Quilombo*, ano I, n. 2, Rio de Janeiro, mai., 1949, p. 2.

OLIVEIRA, Fabiana de. Um estudo sobre a creche: o que as práticas educativas produzem e revelam sobre a questão racial? *Dissertação de mestrado em Educação*. Universidade Federal de São Carlos, 2004.

PRIMEIRA MESA REDONDA da pesquisa sobre preconceito racial no Brasil, realizada na Biblioteca Municipal, patrocinada pela Unesco, sob a presidência do prof. Roger Bastide. Mimeo, 8 mai. 1951. Documento disponível no arquivo PDF 02.04.4531 (Observação em Massa - Situação Grupal). Fundo Florestan Fernandes (BCo/UFSCar), p. 1-53.

QUEIROZ. Maria Isaura. Florestan Fernandes: um trabalhador intelectual fora de série. *Cadernos CERU*, série 2, nº 7, 1996, pp. 167-177.

SIROTA, R. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 112, Mar, 2001.

RAMOS, A. La question raciale et le monde démocratique. In: *Le Courrier de l'UNESCO*, 1949, ano II, N°10, p.14.

ROLNIK, Sueli. *Cartografia Sentimental: Transformações contemporâneas do desejo*, Editora Estação Liberdade, São Paulo, 1989.

ROMÃO, J. Educação, instrução e alfabetização de adultos negros no Teatro Experimental do Negro, 2003, p. 132

TEIXEIRA, E. *A 'cultura infantil' na perspectiva de Florestan Fernandes: contribuições para a sociologia da infância brasileira*. Monografia de conclusão de curso, São Carlos: UFSCar, 2014, mimeo.

UNESCO, *La UNESCO et son programme : la question raciale*. 1950, 11p.

UNESCO, *Quatre déclarations de sur la question raciale*. UNESCO: Paris, 1969, 56p

UNESCO, *Bref historique sur le concept de la culture de la paix*. UNESCO: Paris 2000, 3p.